

MARILU

Eva Furnari

© Eva Furnari



Resenha

Marilu achava tudo chato e sem graça: as nuvens bobas, as montanhas cinzas. Andava sempre aborrecida em seu mundo monótono e sem cor, até que, certo dia, viu uma garota carregando uma inacreditável lanterna multicolorida. Decidida a comprar uma igual, foi em busca da loja vermelha que a garota lhe indicara. Lá encontrou os entusiasmados e desafinados Pimpolhos, que a desconcertaram com suas canções. No dia seguinte, ansiosa, finalmente escolheu sua lanterna: a mais colorida de todas. Qual não foi sua surpresa, porém, quando o novo brinquedo começou a ficar cinza... Voltou à loja decidida a protestar, gritar e espernear. Mas os Pimpolhos lhe revelaram que o problema não estava nas coisas, mas em sua maneira de olhar...

Marilu é uma narrativa bem-humorada em que Eva Furnari joga com a simbologia das cores para provocar uma guinada na perspectiva da personagem: não é o mundo que é sem graça, é ela, que, com seu olhar mal-humorado e pessimista, torna as coisas cinzentas e monótonas.

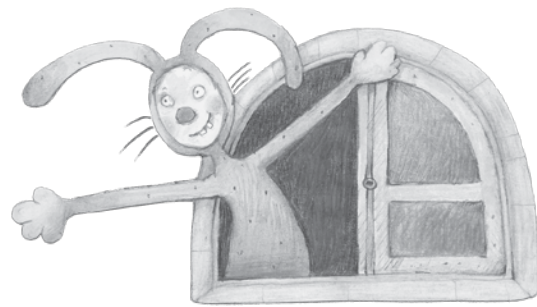
Aquilo que motiva sua transformação, porém, não é de modo algum um discurso moralizante: é o humor, a possibilidade de rir dos absurdos da vida, que cativa a menina. Embora simples, a história apresenta uma estrutura mítica: se passa num tempo-espaço em suspenso, impossível de ser localizada histórica e



Coordenação:
Maria José Nóbrega

geograficamente. A mudança se dá a partir do encontro da menina com seres mágicos – os Pimpolhos –, cujo raciocínio opera em outra lógica, além de falarem o tempo todo em versos rimados, criando um contraponto entre prosa e poesia.

Resta dizer que as ilustrações, da própria Eva Furnari, têm papel preponderante na construção da narrativa e na criação dos efeitos de humor, tanto quanto o próprio texto.



Depoimento

De Mônica Rodrigues,
atriz e mãe

Eva Furnari é uma grande amiga nossa, há tempos. Quando abrimos mais um livro de Eva para ler, sentimo-nos em sua casa, sendo recebidos com coisas gostosas, risos e sempre uma ótima história a ser compartilhada. E foi num livro de Eva que nós, aqui de casa, nos demos conta da importância de perceber o avesso disso tudo, do colorido dentro de nós. Marilu é uma menina meio “dodói, doente”, como definiu minha filha menor, Luara. Marilu, na história, é uma menina que perdeu a capacidade de se comunicar com o mundo através de respostas, intensidades e cores variadas. Literalmente, o seu mundo fica sem cor: apenas um grande e tedioso cinza toma conta do seu modo de viver. Durante a leitura, ficou evidente que a autora busca falar com leveza sobre um assunto sério, ou falar seriamente sobre a importância das coisas divertidas. Quem apresentou-me, contudo, essa dialética, foram as crianças.

Em algum ponto, ao final de uma das releituras, Luara, 5 anos, achou a história alegre, mas sobre um assunto “sério”. Quando eu perguntei por que ela achava isso sério, ela me respondeu que na escola algumas crianças ficam igual a Marilu, e que, para ela, “parecem até que estão doentes”. Isso ofereceu um disparador para reconhecer situações em que já nos defrontamos com o “cinza tedioso” de outras pessoas ou de nós mesmos. A diferença

é que a autora nos permite fazer esse exercício de observação e “estudo”, sem a pesada carga do julgamento e do moralismo.

Já o mais velho, Miguel, 10 anos, acha que essa foi uma história para aprender a dar mais importância ao divertimento, à leveza. E acredita que isso acontece porque, além de não gostar de nada em particular, não se interessar por nada, Marilu “não gosta dela mesma”. Isso mesmo. Para ele (transcrever suas próprias palavras agora parecerá exagero literário, mas não é), “ela não se vê, e quem não se vê tem menos chance de achar bonito alguma coisa”. Pergunto: “E o que é se ver, Miguel? O que é isso?”. Tranquilo, ele me responde: “É ver que a gente pode muita coisa. Dá pra transformar esses dias cinzas”.

É o momento em que não somente a leitura em si, mas a experiência de ler em família realiza o seu quinhão de inesperado, um “pulo do gato” nas nossas percepções, *insight* renovador para nós, reunidos ali em torno do livro. Não seríamos todos uma espécie de paleta riquíssima, aguardando esse chamado, essa urgência, para uma forma de *acontecer* mais vibrante?

A valorização das cores e dos desenhos nas ilustrações impecáveis da própria Furnari vão oferecendo aos leitores e ouvintes verdadeiras telas psíquicas, preenchidas de sentidos e sentimentos, em constante mutação. Mas era sempre interessante voltar a encontrar a imagem que é também a capa do livro no meio das páginas da história. Durante as

releituras, Luara pontuava: “Olha, mãe, de novo, igual à capa do livro”. E ria, quando refazia essa pequena e alegre descoberta. Indago: “Você gosta dessa capa, filha?”. “Gosto”. “Por quê?” “Porque aqui (apontando as lágrimas coloridas da personagem), ela *ainda* não se transformou”. Ainda não aconteceu o “pulo do gato”, o “aquilo de que não temos controle”, para nos mostrar uma nova forma de ver as coisas.

A belíssima história de Eva Furnari comunica-se facilmente com crianças e adultos de todas as idades, por fazer-nos uma pergunta simples acerca da nossa capacidade poética de ressignificação da vida. Quando a personagem Marilu nos aparece vindo a partir das rimas dos sábios-brincalhões Pimpolhos, temos uma sensação de alívio, de afrouxamento. É também quando nosso eu está cansado de repetir o tédio, e “um todo” nos empurra na direção da transmutação das coisas.

Um dos elementos que mais nos impressionou na leitura foram os versinhos finais: “alegre ou triste, Marilu não tem mais o mau humor”. Além de uma confissão legítima e sadia de nossos limites, da naturalidade da existência de dias bons e ruins, o livro nos oferece uma perspectiva para sairmos do costumeiro e limitante maniqueísmo. Soa muito mais como um reconhecimento profundo de nossa complexidade e um convite aberto para assumir a vida, em todas as suas cores.



Um pouco sobre a autora

Eva Furnari nasceu em Roma, Itália, em 1948, e veio para o Brasil aos dois anos de idade, onde reside até hoje. Formou-se em Arquitetura pela Universidade de São Paulo e foi professora de Artes no Museu Lasar Segall. Na década de 1980, colaborou como desenhista em diversas revistas.

Publicou semanalmente, por quatro anos, histórias da Bruxinha no suplemento infantil do jornal *Folha de S.Paulo*. Começou sua carreira de escritora e ilustradora de livros infantis e juvenis em 1980 e hoje tem mais de 60 livros publicados. Possui livros adaptados para o teatro e publicados no México, Equador, Guatemala, Bolívia e Itália. Ao longo de sua carreira, Eva Furnari foi agraciada com diversos prêmios. Entre eles, recebeu por sete vezes o Prêmio Jabuti, da CBL, e foi premiada várias vezes pela FNLIJ. Também recebeu o Prêmio APCA pelo conjunto da obra.



Leia Mais

Da mesma autora e série

- ✕ *Anjinho*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Cacoete*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Cocô de passarinho*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Nós*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *O circo da Lua*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Trudi e Kiki*. São Paulo: Moderna.
- ✕ *Sorumbática*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✕ *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado. São Paulo: Ática.
- ✕ *Quando nasce um monstro*, de Sean Taylor (tradução de Lenice Bueno). São Paulo: Salamandra.
- ✕ *Como treinar o seu dragão*, de Cressida Cowell (tradução de Heloisa Prieto). Rio de Janeiro: Intrínseca.